

O corpo na teoria psicanalítica: da representação a apresentação nas patologias atuais

The body in psychoanalytic theory: the representation the presentation in the current pathologies

El cuerpo en la teoría psicoanalítica: la representación de la presentación en las patologías actuales

Ricardo Otávio Maia Gusmão¹

Resumo

O objetivo deste estudo é fazer uma discussão teórica e clínica sobre o corpo na psicanálise seguindo o percurso da obra freudiana. Inicialmente faremos uma leitura dos quadros clínicos que envolvem o corpo a partir da noção de *representação* ou simbolização nos remetendo ao corpo do primeiro dualismo pulsional freudiano ilustrado pelo modelo da histeria cujo mecanismo intrínseco fundamental é o recalque. Por seguinte, discutiremos o corpo da *apresentação*, corpo da segunda teoria das pulsões evidenciando sua *irrepresentação* na medida em que os conceitos de pulsão de morte e de repetição influem numa concepção de corpo sob um novo estatuto, a do traumático. Ampliamos a discussão apresentando os mecanismos intrínsecos da ordem do arcaico e intraduzível que estariam na gênese dos sintomas corporais contemporâneos, por meio da idéia da formação de enclaves no espaço psíquico e sua impossibilidade de representação às diversas formas de sofrimento sendo os responsáveis por esta exigência de trabalho ao psiquismo que desembocariam em mecanismos de compulsão às repetições evidenciadas pelo corpo da apresentação.

Palavras Chave: Corpo, Psicanálise, Clínica psicanalítica.

Abstract

The aim of this study is to make a theoretical and clinical discussion about the body in psychoanalysis following the route of the Freudian work. Initially we will do a reading of clinical pictures that involve the body from the notion of representation or symbolization in referring to the body of the first drive dualism Freudian illustrated by the model of hysteria whose intrinsic mechanism is the repression. By following, we will discuss the body of the submission, body of the second theory of drives showing your *irrepresentação* to the extent that the concepts of death drive and influence in a repeating design of body under a new status, that of traumatic. We have extended the discussion showing the intrinsic mechanisms of archaic and untranslatable that would be in the genesis of contemporary body symptoms, through the idea of the formation of enclaves in the psychic space and its impossibility of representation to the various forms of suffering being responsible for this requirement of the psyche that street, and opening in repetition compulsion mechanisms highlighted in the body of the presentation.

Key-words: Body, Psychoanalysis, Psychoanalytic clinic.

¹ Enfermeiro. Mestre em Psicanálise. Universidade Estadual de Montes Claros.

E-mail: ricardotavio@ig.com.br

Resumen

El objetivo de este estudio es hacer una discusión teórica y clínica sobre el cuerpo en psicoanálisis siguiendo la ruta de la obra freudiana. Inicialmente hacemos una lectura de cuadros clínicos que involucran el cuerpo de la noción de representación o simbolización refiriéndose al cuerpo del primer dualismo unidad freudiano ilustrado por el modelo de la histeria, cuyo mecanismo intrínseco es la represión. Por siguiente, discutiremos el cuerpo de la presentación, cuerpo de la segunda teoría de unidades de disco que muestra su irrepresentación en la medida en que los conceptos de muerte y la influencia en una repetición de diseño de cuerpo bajo un nuevo estatus, el de traumática. Hemos ampliado la discusión mostrando los mecanismos intrínsecos de arcaico e intraducible que serían en la génesis de los síntomas del cuerpo contemporáneo, a través de la idea de la formación de enclaves en el espacio psíquico y su imposibilidad de representación de las diversas formas de sufrimiento siendo responsable de este requisito de la psique calle y la apertura en los mecanismos de compulsión de repetición en el cuerpo de la presentación.

Palabras clave: Cuerpo. Psicoanálisis. Clínica psicoanalítica.

Introdução

O corpo é um instrumento de estudo de diversos saberes sendo visto por ângulos e teorias diferentes. Para a psicanálise, este corpo ultrapassa o somático e constitui um todo em funcionamento coerente com a história de vida do sujeito.

A psicanálise tem se preocupado e tido cada vez mais interesse com os quadros clínicos que apresentam uma dimensão corporal. O confronto tem sido cada vez mais frequente na prática psicanalítica da contemporaneidade com as subjetividades que encerram os adoecimentos psicossomáticos, as compulsões mais diversas, as automutilações, etc. Esses quadros rotineiramente nomeados como patologias “atuais”, trazem consigo algo de comum: a problemática do corpo vem tomando a frente da cena nas formas de apresentação do sofrimento humano.

O corpo passa a ser instrumento de expressão da dor e do sofrimento. Chama-nos a atenção justamente esta exigência de trabalho ao ato e uma convocação do corpo trazendo consigo vivências subjetivas calcadas em um sentimento de desamparo e desespero. Para Birman (2006) nessas condições, entendemos que o mal-estar se enuncia, sobretudo, no registro do corpo e da ação, desafiando o potencial simbólico.

Ao longo da obra freudiana, as teorizações sobre o corpo vão sofrer significativas transformações cabendo-nos a demarcação desse percurso. Salientamos que a *pulsão*, faz deste corpo, em todos os seus aspectos um corpo pulsional.

As concepções de corpo nos permitem abarcar uma diferenciação dicotômica entre o que seria o corpo da *representação* ou simbolização, corpo do primeiro dualismo pulsional, ilustrado pelo modelo da histeria e o corpo da *apresentação* da segunda teoria das pulsões que evidencia um corpo da *irrepresentação* a partir dos conceitos de pulsão de morte e de repetição (TOSTES, 2005).

O novo dualismo pulsional vida e morte, mas evidentemente o conceito de pulsão de morte nos permitirá uma leitura diferente dos casos pensando-se em uma lógica que é a da irrepresentação que se atribui ser o mecanismo intrínseco presente nas patologias que incidem sobre o corpo, cuja impossibilidade de simbolização obriga-nos a buscar diferentes vias como o ato.

Hoje, o analista se depara com “novos” sintomas, marcados pelo tempo da repetição, com ausência de sentidos e exigindo esforços a arte da transferência. O corpo certamente vai ganhar o seu lugar justamente por nos “apresentar” algo dessa subjetividade que nos revela uma incapacidade de representação.

O objetivo deste estudo é, portanto, fazer uma discussão sobre o Corpo na psicanálise. Seguiremos um percurso sobre a concepção de corpo na teoria psicanalítica. Em seguida, faremos uma leitura dos quadros clínicos que envolvem o corpo apresentando o corpo da *representação* ou simbolização, corpo do primeiro dualismo pulsional, ilustrado pelo modelo da histeria cujo mecanismo intrínseco fundamental é o recalque e por seguinte discutiremos sobre o corpo da *apresentação*, corpo da segunda teoria das pulsões que evidencia um corpo da *irrepresentação*. Ampliamos a discussão apresentando os mecanismos intrínsecos da ordem do arcaico e intraduzível que estariam na gênese dos sintomas corporais contemporâneos, por meio da ideia da formação de enclaves no espaço psíquico e sua

impossibilidade de representação às diversas formas de sofrimento sendo os responsáveis por esta exigência de trabalho ao psiquismo que desembocariam em mecanismos de compulsão às repetições evidenciadas pelo corpo da apresentação.

O corpo na teoria psicanalítica

Para falarmos sobre o corpo em psicanálise faz-se necessário enunciar o delineamento metapsicológico de alguns conceitos psicanalíticos fundamentais tais como a pulsão, narcisismo e eu.

No momento inicial, Freud opera uma divisão entre o que o que seria o corpo biológico e corpo psicanalítico (1893/1897). Em seguida, pode-se verificar a passagem importante que se dá do corpo autoerótico e fragmentado (1905) para o corpo unificado pelo narcisismo (1914). Os conceitos de pulsão (1915) e mais tarde os desdobramentos do segundo dualismo pulsional (1920) são de fundamental importância para se pensar a dinâmica do funcionamento do aparelho psíquico e sua relação com o corpo. Por fim, o surgimento do eu corporal (1923).

A teoria freudiana sobre a sexualidade vai ser o ponto inicial para sustentar a diferença do corpo do campo psicanalítico com o corpo do campo biológico. Freud institui uma revolução sobre esta concepção de corpo instituindo o corpo erógeno. Esta teoria mostrou-se fundamental para se pensar a noção de constituição do psiquismo (FREUD, 1905/1996). E Freud faz isto por meio de seus estudos sobre a histeria.

Faz-se necessário retomar o conceito de pulsão para entendermos a lógica de funcionamento dos sujeitos. Freud nos apresenta a pulsão como uma força que não tem nem objeto específico, nem objetivo determinado. Constante na pulsão é a exigência de trabalho que esta faz ao aparelho psíquico, e, por não possuir um objeto natural, os objetos encontrados apenas podem satisfazê-la parcialmente (FREUD, 1915/1996)

Para Freud (1915/1996):

A pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1915/1996, p. 127).

Reafirmando estas considerações, Birman (1999) afirma que o corpo de que trata a psicanálise não é o corpo/organismo. Todo esse remanejamento conceitual é fundamental para que se possa conceber a ideia de um corpo tecido na encruzilhada dos destinos pulsionais, constituído pelo campo das pulsões, manifestado, enfim pelas excitações pulsionais (BIRMAN, 1999)

O corpo sexualizado, erógeno e pulsional, é também um corpo narcísico, conceito fundamental para o entendimento deste corpo enquanto unicidade. Em "Os três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905/1996), vemos que inicialmente o bebê se encontra investido por pulsões que podem, inicialmente, satisfazer a si mesmo, na chamada etapa do autoerotismo. Esta fase antecede o narcisismo e a pulsão sexual está ligada a um órgão ou à excitação de uma área erógena, encontrando-se satisfação sem precisar se recorrer a um objeto externo. No narcisismo (1914/1996), o corpo concebe a condição de erotização. As pulsões sexuais que antes estavam dispersas no corpo ganharão uma unidade constituindo um corpo totalizado que se ordena em torno de uma imagem que é a imagem corporal.

De acordo com Birman (1999), a resultante deste processo é a construção do eu e do corpo unificado e a experiência de ter e ser eu implica habitar um corpo unificado, sendo o narcisismo a ação psíquica praticada pelo sujeito que tem como efeito sua constituição.

O sujeito, ao se desprender dessa relação autoerótica com o corpo em que obtém satisfação através de seus pontos de satisfação ou zonas erógena, ganha a consistência de uma unidade, podendo investir em si como em um objeto (FREUD, 1914/1996).

Segundo Freud (1923/1996), o eu é definido como uma projeção de superfície, sendo esta, sobretudo corporal. O desenvolvimento do eu e corpo vão acontecer de forma paralela. Um nasce apoiado ao outro. A constituição do psiquismo vai acontecer, dessa forma, atrelada à constituição do corpo o que o dará uma concepção de corpo pulsional e erógeno.

Assoun (1995, p.88) evidencia que, quando Freud diz que o eu é corporal, nós devemos compreender isto como: “o eu e o corpo estão estruturados, segundo a lógica das superfícies”, ou seja, “não que o eu é análogo ao corpo, mas que a emergência da subjetividade se faz segundo esta lógica corporal da projeção”.

Para Fernandes (2002) corpo psicanalítico então se apresenta como o palco em que é encenado o jogo das relações entre psiquismo e o somático e ao mesmo tempo como personagem dessa trama das relações, dando ênfase que essa dupla inscrição se presentifica pelo conceito de pulsão.

A hipótese freudiana de que o ego é antes de tudo corporal, torna-se viável pensar que o psiquismo só pode se expressar de um modo corporal, à medida que contém dentro de si necessidades pulsionais que encontram no corpo expressão psíquica (TOSTES, 2005)

O corpo que interessa a psicanálise é, então, um lugar de inscrição do psíquico e do somático. Pensaremos, portanto, os quadros clínicos e sintomas centrados no registro da corporeidade como uma expressão das necessidades e destinos pulsionais diante das dinâmicas encenadas no aparelho psíquico. A seguir, à luz da teoria freudiana elucidada em seu primeiro e segundo dualismo pulsional explicaremos os mecanismos intrínsecos que envolvem a gênese dos sintomas corporais marcando suas vicissitudes ao longo desses marcos teóricos.

O corpo da representação: Eros e o modelo da Histeria

Logo no início de seu percurso, em seu manuscrito E (1894/1996), Freud vai fazer considerações que assinalam para um corpo da psicanálise diferente de um corpo anatômico. Isso fica claro ao fazer a diferenciação entre conversão e somatização, quando afirma que: “na conversão é a excitação psíquica que toma um caminho errado, exclusivamente em direção à área somática ao passo que na somatização é uma tensão física que não consegue penetrar no âmbito psíquico e, portanto, permanece no trajeto físico” (FREUD, 1894/1996, p.247).

Paralelamente, ao introduzir a noção de defesa, marca a originalidade do pensamento freudiano a partir da formulação do inconsciente. Essa noção, precursora da teoria do recalçamento evidenciaria sua ruptura com as concepções de Charcot e Breuer no começo de sua teorização e introduziria sua originalidade no tocante às leituras dos quadros clínicos na época.

Freud voltar-se-á para a investigação dos fenômenos histéricos privilegiando os fatores psíquicos nas suas determinações por mostrar-se insatisfeito com as explicações sobre a origem da dissociação histérica sustentadas na suposição de atrofias degenerativas o que negligenciava o plano psicológico em favor da fisiologia, marcando aí a introdução da implicação do sujeito na conformação da psique. Estabelece, desde então, uma relação entre os sintomas histéricos e os eventos traumáticos enunciados pelo sujeito. Tratar-se-ia de uma modalidade de histeria psicologicamente adquirida, em contraposição à emergência primária, em que a importância recai na natureza do trauma associado com a reação ao mesmo. O momento traumático residiria na incompatibilidade entre o sujeito e alguma ideia imposta a ele (MELLO, 2012)

É neste cenário que a noção de defesa ganha importância na obra freudiana. Neste momento a divisão da consciência será apresentada como o resultado do conflito entre forças psíquicas contrárias.

Esse modelo de histeria designada como histeria de defesa será tomado como modelo das psiconeuroses de defesa conforme se verifica em “As neuropsicoses de defesa” (1894/1996). A defesa atuaria em decorrência de alguma ideia incompatível a seu eu decorrente de alguma experiência aflitiva que Freud em um segundo momento constatará ser de origem sexual. É neste sentido que os representantes sexuais ganham destaque nas leituras dos quadros clínicos sendo os elementos responsáveis pelos conflitos do eu e pelo acionamento dos mecanismos de defesa.

Em suas formulações sobre a pulsão e recalque, Freud (1915/1996) afirmará que uma das vicissitudes da pulsão é encontrar resistências que procuram torná-la inoperante, sendo reprimida. A saída encontrada diante do conflito seria operar o mecanismo do recalque que consistiria na separação dos representantes ideativos dos seus afetos. Os caminhos tomados pelos elementos recalcados seriam as formações substitutivas e os sintomas de ordem neurótica.

O resultado desse processo é um acordo de conciliação, uma “formação de compromisso” (FREUD, 1896/1996). Os polos opostos do conflito, desejo e defesa, conformam-se sem que, de fato, um cancele o outro, encontrando, desse modo, uma saída intermediária. O sofrimento se apresentaria como fruto do conflito psíquico e o recalçamento como o mecanismo responsável pela divisão do psiquismo em instâncias, a qual encerra o clássico modelo da neurose (MELLO, 2012)

Entendemos, portanto, que a conversão na histeria pode ser vista como uma modalidade de compromisso. Ela nada mais é que um resultado da soma de excitação que é liberada do recalçamento e tem o efeito de neutralizá-lo, ou seja, o seu fim corporal expressa uma economia dessa representação incompatível. A histeria é, assim, o que melhor caracteriza o corpo nos primórdios da Psicanálise, isto é, são os fenômenos histéricos de conversão que atestam o caráter erógeno e representacional que distingue o corpo nesse momento do percurso freudiano.

O efeito corporal traduz desta forma, o destacamento de uma energia que tem origem na tensão representativa. Não é o corpo que fala, salienta, mas são as representações recalçadas que se apresentam por meio dele. Acreditamos que essas considerações nos permitam falar do corpo da histeria como um lugar de representação (ASSOUN, 1995).

No entanto, Tostes (2005) atesta que se exige certa delimitação neste imbricamento do corpo somático com o corpo representado. Isso porque corpo biológico e corpo representado coexistem subjetivamente, mas são abordados distintamente, o que permite considerar o corpo das psiconeuroses como lugar de simbolização em contraposição à presentificação da sexualidade operante em certos quadros clínicos estudados por Freud. Isso abre uma possibilidade para pensarmos o sintoma corporal sob outra lógica que não a da representação, por tratar-se de uma descarga, um excesso que se apresenta na esfera do corpo, apontando para a dimensão intensiva e não representativa da pulsão.

O corpo da apresentação: Tanatos e o modelo do segundo dualismo

Para se pensar o corpo a partir da lógica da irrepresentação, faz-se necessário um percurso diferente. Defender a ideia de um funcionamento psíquico fora do campo representativo permite formular o irrepresentável como resultante de um desequilíbrio entre a intensidade pulsional e a capacidade de elaboração do aparelho psíquico. Será fundamental verificar em que medida o conceito de pulsão de morte e de repetição influem na concepção do corpo a partir da segunda teoria freudiana.

O ponto de partida seriam as valiosas contribuições de Freud esboçadas na Carta 46 em que conforme Borges (2012) já nos falava de certos elementos intraduzíveis que se apresentariam ao psiquismo. Uma lembrança de uma época precedente em ocasião posterior provocaria no psiquismo um excesso de sexualidade de tal ordem que desencadearia inibição do processo de pensamento ou de representação psíquica. Já considerando sua famosa Carta 52, de 6 de dezembro de 1896, segundo Cardoso (2007) um interessantíssimo modelo vai se apresentar, baseado na concepção de uma transcrição de registros. A partir desse aporte vemo-nos novamente instigados pela ideia de limite, de vias de passagem entre os diferentes espaços implicados na vida psíquica e, ao mesmo tempo, pela relação que esses espaços mantêm com o mundo externo.

Em 1920, Freud anuncia outra dualidade pulsional, vida e morte. Essa mudança paradigmática marcada fundamentalmente por “Além do princípio do prazer” permite considerar algo fora do registro das representações e do princípio do prazer. Vale destacar que até então se vigorava a ideia da ligação originária entre a força pulsional e seus representantes, inscrita no registro da representação como pulsão sexual.

Neste momento, o conceito de pulsão passa a ser visto para um além de uma referência sexual. No primeiro modelo da psicanálise, o psiquismo funcionaria sob o estatuto do princípio do prazer. Na segunda metapsicologia, Freud vai enunciar algo além do princípio do prazer. A centralização numa ideia de representação daria lugar à temática do excesso pulsional exigindo a construção de um novo modelo de aparelho psíquico.

Mello (2012) ressalta que por essa via de abertura, a ênfase conceitual da trama freudiana se desloca das formações do inconsciente para o encaminhamento da pulsionalidade. Com isso, o impessoal, indefinível e indeterminado do polo pulsional ganha destaque no pensamento psicanalítico.

Ao repensar o circuito pulsional, Freud pôde revelar a pulsão de morte como pulsão sem representação. A problemática daquilo que não se inscreve no aparelho psíquico entra em cena com essa noção de excesso pulsional como aquilo que resiste à inscrição no registro representacional. É, portanto, o conceito de pulsão de morte que nos permite pensar a categoria da não representação. A noção de traumático, justamente por sua impossibilidade de representação, situando-se, portanto, num lugar limítrofe do psíquico, pode ser encarado como expressão maior de algo que não pode ser representado. O que não tem representação psíquica tenta se inscrever, uma vez que não cessa de se repetir, utilizando-se do corpo (BORGES, 2012)

Com a reviravolta teórica dos anos 1920, Freud realizará um grande salto nesse campo de problemas:

Descortina-se um novo horizonte também no que concerne à concepção do aparelho psíquico, que passa a englobar, a partir das ricas contribuições de Ferenczi (1988), além

das representações e dos elementos recalcados, marcas traumáticas que, não podendo ser inscritas, interiorizadas como representações psíquicas, tendem a ser exteriorizadas pela via do ato e do corpo, ou seja, tendem a ser apresentadas através de fenômenos veiculados pela compulsão de repetição (CARDOSO, 2007, p. 328)

Neste contexto, temos o retorno sobre a questão do trauma na teoria freudiana, no entanto de forma profundamente transformada. A noção de trauma apoiada na ideia de sedução factual daria lugar à sua compreensão a partir da noção de excesso pulsional (CARDOSO, 2007). A esta noção de um excesso pulsional atribuiremos uma necessidade de se pensar o destino dado ao corpo a este pulsional irruptível e a noção de apresentação dada a este corpo:

No lugar do corpo histérico entendido como palco de representações cujo retorno se dá pela atualização em sintomas – passa-se à investigação de uma impossibilidade de significar, expressa pelo corpo. Este passa a ser veículo, não de uma representação, mas de uma apresentação, pela via sensória, motora e visceral (CARDOSO, 2007)

O corpo pensado na primeira teoria, para o qual denominamos de corpo da representação, não seria o único modelo a se pensar os quadros clínicos em que a corporeidade ganha destaque. É paradigmática a noção de que nem tudo é representável e que para aquilo que não se faz representar tenderia a se apresentar como ato, resposta pela ameaça de um transbordamento provocado pela presença de um excesso pulsional.

Segundo Ritter (2013) o excesso, entendido como inerente à pulsão, é um ponto de articulação preciso entre as neuroses atuais e as patologias da atualidade, pois permite levar em consideração os registros que estão aquém das representações e que se manifestam pela descarga no corpo ou na ação, tão frequentes nesses quadros. Vê-se de várias maneiras como as patologias contemporâneas apresentam dificuldades importantes na atividade representacional, e como as neuroses atuais são caracterizadas fundamentalmente pela ausência de elaboração psíquica.

A noção de formação dos enclaves parece importante para elucidação dos mecanismos específicos que envolveriam o caráter arcaico e intraduzíveis presentes nestes casos. Para Cardoso (2011) os enclaves correspondem a um primeiro depósito de traços do outro, de impressões traumáticas, índices que tenderão a ressurgir no psiquismo de maneira quase imutável. Tratar-se-ia de mensagens imóveis e impossíveis de serem decompostas. Diante de determinadas mensagens, impressões traumáticas, o ego é transbordado, incapaz de integrar ou de recalcar. Existiria uma distinção essencial entre fracasso de tradução dessas mensagens como elemento de constituição do recalcado e o fracasso radical de tradução como constituinte do enclavado. O mais estrangeiro, o mais exógeno que constituiria os enclaves.

Defrontado com a impressão traumática, o ego fica submergido pelo ataque dessa mensagem acionando mecanismos de defesa, mesmo que arcaicos ou elementares. A compulsão à repetição apresenta-se assim como um destino possível do traumático.

Quando o excesso pulsional rompe as barreiras protetoras, o sujeito vê-se lançado em um estado no qual não reconhece mais seus limites tanto psíquicos quanto corporais. Diante do traumático, uma das saídas possíveis será justamente colocar fora de si os elementos intraduzíveis de onde a prevalência da corporeidade em detrimento da interioridade torna-se mais compreensível.

Considerações Finais

O estudo da dimensão corporal no pensamento freudiano, apoiado principalmente na sua definição de pulsão contribui para uma maior compreensão das relações existentes entre corpo e psiquismo.

O corpo constitui o lugar de onde se originam as sensações externas e internas colocando-se como estrutura para tudo o que vai compor a própria existência psíquica do ser vivente. Embora a psicanálise tenha o pulsional como principal estatuto de sua concepção de corpo, vale considerar que isso não equivale dizer que estamos necessariamente tratando de elementos representáveis. Com o conceito de pulsão de morte, o corpo poderá ser elucidado por experiências que evidenciarão uma pulsão sem representação e estão aí todas as novas formas de subjetivação da atualidade para nos presentificar esta ideia.

Uma leitura da teoria freudiana nos permitiu abarcar de que forma os quadros que envolvem a corporeidade podem ser teorizados pela psicanálise. Os limites entre a representação e a irrepresentação no aparelho psíquico

podem ser colocados como pontos de referência para o entendimento dos mecanismos e tramas que justificam tais manifestações somáticas. Os paradigmas de oposição vão se constituir entre a primeira e segunda teoria freudiana. De um lado o inscrito, o representado, o modelo da histeria e Eros correspondendo à pulsão representada, à energia ligada e enunciando o corpo da representação. De outro, a pulsão que escapa ao domínio do simbólico, o excesso pulsional e Tanatos com sua energia livre ou desligada referendada como pulsão de morte e o registro da compulsão à repetição articulando a denotação de um corpo da apresentação.

O funcionamento neurótico clássico supõe que o registro representacional esteja bem estabelecido, configurando-se como um espaço importante de elaboração psíquica. Aqueles quadros em que o registro das representações está reduzido apontam para outra problemática, a impossibilidade das representações, o que nos leva a articular as “novas patologias” à dificuldade ou incapacidade de representar presentificadas pela fragilidade das elaborações psíquicas.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN PL. Metapsicologia freudiana. Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1995.
 - BIRMAN J. O Corpo, o Afeto e a Intensidade em Psicanálise. Revista Agora. n. 2. Rio de Janeiro, 1999, p. 25-40.
 - Birman J. Subjetividades contemporâneas. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
 - BORGES GM. Neurose traumática: fundamentos e destinos. Editora Juruá. Curitiba, 2012, 172p.
 - CARDOSO MR. A impossível “perda” do outro nos estados limites: explorando as noções de limite a alteridade. Psicologia em Revista, 2007; 13(2): 325-338.
 - CARDOSO MR. Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2011; 14(1): 70-82.
 - FERNANDES MH. Entre a alteridade e a ausência: O corpo em Freud e sua função na escuta do analista. Percurso, 2002; 29(2): 51-64.
 - FREUD S. (1983-5). Estudos sobre a histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. II, p. 43-364. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.
 - (1983). Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. I, p. 229-245. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.
 - (1984). As neuropsicoses de defesa.. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VIII p. 53-65. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
 - (1984). Rasquinho E. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VIII p. 269-276. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
 - (1986). A etiologia da histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VIII p. 179-203. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
 - (1905). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII p. 79-145. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
 - (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV p.89-122. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
 - (1915). A pulsão e suas vicissitudes. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV p.161-186. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
 - (1915). Repressão. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV p.161-186. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
 - (1915) O Inconsciente. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV p. 191-233, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
 - (1920). Além do princípio de prazer. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIVIII p. 13-85, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
 - (1923) – O ego e o id. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX p. 23-76, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
 - MELLO RM. *A problemática da clivagem: aspectos teóricos e clínicos*. Tese (Doutorado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2012. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2012; 121p.
 - RITTER PGG. *Confluências entre as neuroses atuais e as patologias da atualidade*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2013; 111 p.
 - TOSTES VMCS. *Do afeto à palavra: o vivido do corpo na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2005. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2005; 92 p.
-

Recebido em: 11/2016

Aceito em: 12/2016

Publicado em: 12/2016